

ERA UMA VEZ...UM CURRÍCULO DE CUIRLOMBO: REFLEXÕES SOBRE ROTAS EPISTEMOLÓGICAS OUTRAS

Késia dos Anjos Rocha ¹
Alfrancio Ferreira Dias ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas das reflexões que tenho feito no âmbito da pesquisa de Doutorado em Educação na Universidade Federal de Sergipe. A pesquisa tem como proposta investigar narrativas literárias de escritoras contemporâneas que abordem as dissidências sexuais, de gênero e de raça, compreendendo o contexto no qual essas narrativas emergem e observando como elas nos auxiliam a romper com padrões hegemônicos de existências. Procuro olhar para essas obras como produções *artistas* que podem gerar fissuras no âmbito das teorias educacionais tradicionais de currículo. A partir do olhar para suas personagens, seu contexto de produção e publicação, suas autoras, busco identificar as possibilidades de criarmos outras rotas epistemológicas nas quais os feminismos negros, as reflexões decoloniais e a teoria *queer* são bases teóricas para repensarmos não somente teorias educacionais de currículo, mas também práticas educativas outras.

Palavras-chave: Currículo Decolonial, Teoria Queer, Gênero, Sexualidades, Raça.

INTRODUÇÃO

[...] uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida.

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugentes de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel.

(Glória Anzaldúa, Falando em línguas: uma carta para mulheres terceiro mundistas, 2000)

Era uma vez...uma princesa...uma princesa lésbica...uma princesa sapatona...Era uma vez...um monstro tocador de flautas...uma guerreira tocadora de tambor...Era uma vez...uma fadinha muito suja que mesmo com dificuldades realizava desejos e potencializava sonhos...Era uma vez... Assim começam muitas histórias... A expressão tão clichê e tão conhecida “Era uma vez...”, ainda segue abrindo caminhos para o esboço e materialização de existências, sejam elas normativas ou dissidentes. Como escreveu Glória Anzaldúa (2000, p.234) “[...] uma mulher

¹Bolsita FAPITEC/SE. Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS, kesiaanhos@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Sociologia. Docente na Universidade Federal de Sergipe - UFS, diasalfrancio@gmail.com.

que escreve tem poder, uma mulher com poder é temida”. Se algo não existe, se uma personagem não passeia e nem dança pelos teus caminhos e você identifica que a presença dela é necessária, então crie, faça seu próprio conto, teça seus próprios bordados.

É por isso que estamos aqui, com a intenção ou a ambição de convidá-los/as a refletir conjuntamente sobre processos alternativos de conhecimentos, rotas outras, um movimento de insurgência epistemológica que o feminismo negro e a teoria queer/cuir em sua perspectiva interseccional nos desafiam a pensar. Patrícia Hill Collins (2019) nos apresenta o conceito de comunidade interpretativa, que é a ideia de que nosso processo de produzir conhecimento, de produzir teoria, ocorre a partir de acionamentos de vários componentes de uma comunidade, que pode ser a família, a igreja, a escola, a academia, as artes, ou qualquer outro. Na experiência da autora, acionar os conhecimentos e afetos vivenciados no contexto familiar e conectá-lo com a narrativa racializada e de afirmação da negritude que ela vivia no contexto das igrejas norte-americanas e a aprendizagem acadêmica dos estudos sociológicos, permitiram que ela articulasse e produzisse teoricamente a partir de outro lugar. Uma perspectiva Sul-Sul apresenta esse desafio, o de acionarmos nossas comunidades interpretativas e produzirmos conhecimento e teoria a partir de nossas experiências performativas.

Nos meus percursos de reflexão tenho me colocado o desafio de pensar em caminhos para descolonizarmos nossos currículos/nossas vidas e, no âmbito da pesquisa de doutorado, me enveredei pelas brechas e fissuras que as artes nos oferecem. Mais especificamente, tenho me aproximado das escritas literárias infantojuvenis, mas também tenho procurado olhar por lentes mais múltiplas – penso nas diversas manifestações artísticas artivistas materializadas em poesia, teatro, música, contação de histórias e performances, enquanto movimentos e ações de (r)existência intimamente ligados ao conceito mais amplo de currículo. Nesse balaio de narrativas no qual mergulhei, tenho encontrado histórias diferentes, de outras gentes, tenho andado de mãos dadas com monstros peludos, com princesas sapatonas, com princesas negras, com guerreiras como Dandara, com histórias como a de Carolina Maria de Jesus, com vozes outras. Pensar em epistemologias outras é o desafio ao qual autores/as como bell hooks, Glória Anzaldúa, Grada Kilomba, Patrícia Hill Collins, Nilma Lino Gomes, Catherine Walsh, Frantz Fanon e muitos/as outros/as têm nos lançado. É um convite a um exercício duro de desobediência epistêmica e é por aí que desejo e gostaria de caminhar.

FRAGMENTO BIOGRÁFICO NÚMERO 1. *Sobre criar rotas alternativas para produção e validação de conhecimentos.*



Jarid Arraes, mulher, negra, nascida em Juazeiro do Norte, região do Cariri (CE), no início da década de 1990. É escritora, cordelista e autora do livro “Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis” publicado pela Editora Pólen no ano de 2017. A obra reúne alguns dos cordéis escritos por Jarid ao longo de anos de pesquisa e criação. Como menciona a própria autora em texto publicado na orelha do livro:

Antes de chegar à idade adulta, nunca tinha ouvido falar de uma mulher negra que tivesse feito algo de importante na História. Durante toda a minha vida escolar e até mesmo nos conteúdos midiáticos de que me recordo, nunca me falaram de mulheres negras que fizeram grandes coisas pela humanidade ou lutaram batalhas contra a escravidão no Brasil (ARRAES, 2017, não paginado).

Em entrevista concedida a Suplemento Pernambuco em 2016, Jarid compartilha um pouco de sua história, conta que a literatura de cordel é algo que sempre fez parte da sua casa, da sua família, aprendeu desde cedo as métricas e rimas desse gênero literário. A autora publicou mais de 70 cordéis, abordando temas como raça, gênero, aborto, sexualidades. Nas suas palavras: “[...] eu tinha em minhas mãos uma literatura acessível, barata e didática”. A autora vende seus cordéis pela internet há algum tempo e destaca que a maior parte do público de leitoras/es são de educadores/as.

“Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis” nos conduz a uma exercício prático de ação contra os epistemicídios como bem colocou Ramón Grosfoguel (2016), cada rima nos apresenta uma trajetória diferente e importante na constituição de nossa história, muitos/as têm a oportunidade de ouvir pela primeira vez o nome e a história de Carolina Maria de Jesus, de Laudelina de Campos, de Luísa Mahin, de Tia Ciata, de Dandara dos Palmares. Entre fragmentos historiográficos, costurados com lendas e ficção, Jarid rompe silêncios e dá um giro que nos conduz (a nós mulheres) a uma espécie de espelho mágico em retrospecto, nos dá a chance de nos vermos ali refletidas, existentes e não mais em posição de subalternidade. Ao final de seu livro estão algumas linhas “em branco”, a autora nos desafia a preenchê-las com a história de alguma mulher negra que marcou nossas vidas. O exercício segue em movimento, é desobediente, devemos então fazer uma busca nas memórias pessoais e pensarmos em tias, avós, parteiras, rezadeiras, que já passaram por nossas vidas ou imaginários, e convidá-las a caminharem conosco.

FRAGMENTO BIOGRÁFICO NÚMERO 2. “*Cabos de Guerra*” nada lúdicos.



Janaína Leslão, mulher, lésbica, nascida em Maringá, interior do Paraná, psicóloga de formação, escritora, mãe, é apaixonada por Música Popular Brasileira. É autora do livro “Joana Princesa”, publicado em 2016 pela Metanóia Editora. A autora nos conta em entrevista concedida à Folha de São Paulo (2016) que foi no contexto de um trabalho que realizava com grupos de adolescentes, discutindo gênero e sexualidades que, ao perceber que quando as temáticas abordadas eram relações homoafetivas, travestilidade ou transexualidade, as referências desses/as jovens eram sempre as tragédias midiáticas reproduzidas nos jornais. Ao perceber a inexistência de contos de fadas que tivessem personagens dissidentes, a autora decide escrevê-los. É assim que nascem seus dois primeiros livros, “A princesa e a costureira” (2015), um conto de fadas com personagens lésbicas e, “Joana Princesa” (2016), que nos traz uma princesa transexual.

A princesa Joana vive a experiência de não se identificar com o sexo que lhe foi atribuído no momento do nascimento, ela percebe isso ainda criança e passa parte da história vivendo esse conflito com os pais que, têm expectativas de que ela, uma vez nascida João, seja o futuro rei daquele reino. As duas obras de Janaína Leslão foram alvos de intensos e conflituosos debates na internet, nasceu em torno delas uma campo de disputa que envolveu discursos sobre a ameaça do fim da família tradicional, sobre “ideologia de gênero”, sobre religiosidade e sobre política. O período de lançamento das duas obras foram permeados por investidas de censuras; pouco antes, em 2014, foi um ano dos debates para a elaboração do novo Plano Nacional de Educação, assistimos uma intensiva midiática do movimento Escola sem Partido, que se apropriou da discussão sobre a chamada ‘ideologia de gênero’ e aliou-se a grupos evangélicos, católicos, dentre outros, formando um discurso que atuou e atua como uma espécie de empreendedor moral e que teve como objetivo acabar com quaisquer ações e políticas de promoção da igualdade de gênero e reconhecimento das diversidades no ambiente escolar (MISKOLCI, 2018).

Compreendendo que os discursos são elementos fundamentais nos processos de definições de práticas sociais, sejam elas relacionadas ao reconhecimento das diferenças ou não, acreditamos que ao tentarmos trazer para o campo da pesquisa, autoras e narrativas dissidentes é possível demonstrarmos que dentro do mesmo sistema emergem e sobrevivem várias possibilidades de produzirmos conhecimentos. Ao se reconhecerem nas personagens que compõem uma narrativa, sujeitas/os se fortalecem e delineiam possibilidades de enfrentamento de exclusões e desigualdades pois, como ressalta Miskolci (2018, não

paginado) “[...] ter palavras para compreender positivamente a si mesmo ou não, gerará consequências concretas para os sujeitos na vida cotidiana”.

DESAFIOS EPISTÊMICOS. *Reflexões teóricas.*

A leitura e aproximação com o pensamento do teórico Frantz Fanon (1980) nos faz olhar para os efeitos e marcas gerados pelas ações do colonialismo em diversos processos coloniais. Partindo do olhar sobre as colônias francesas e, em especial, quando observamos suas narrativas sobre a experiência na Argélia dominada pela França, o autor nos faz compreender o quanto os processos coloniais foram responsáveis por definir um/a sujeito/a racializado/a. Esse outro/a (não europeu, não branco) vai sendo definido e construído juntamente com os processos de colonização/exploração, ou seja, sua afetividade, sua sexualidade, seu caráter, seu pensamento, sua religião, tudo isso vai se conectando para, na sequência, definir o que seria mais ou menos humano ou mais digno de humanidade.

Fanon reflete muito sobre os efeitos do colonialismo nos sujeitos/as racializados/as e um dos pontos-chaves de sua análise é o conceito de alienação. Para o autor, a alienação não está somente relacionada a uma falta de conhecimento sobre algo ou alguém, ela estaria ligada muito mais a uma perda de si ou da capacidade de se reconhecer enquanto um/a sujeito/a ou grupo subordinado ao colonialismo. Esse sentimento de alienação geraria para o sujeito/a racializado/a certo adoecimento, um sentimento de vergonha de si mesmo, um complexo de inferioridade e uma fascinação pelo branco/a e seu universo social (FANON, 2008). O processo de alienação colonial marca a sociedade moderna e uma das suas características é a negação de humanidade a alguns sujeitos, o que Fanon chamará de racialização do outro. O caminho apontado por ele para uma possível libertação desse sentimento de inferioridade seria uma espécie de libertação de si mesmo, ou seja, um exercício de desalienação, uma tomada de consciência que levaria o sujeito racializado a derrubar as máscaras que lhes foram impostas pelos sujeitos/as hegemônicos (brancos/as) (FANON, 2008).

Essas reflexões trazidas pela leitura de Fanon me remeteram a pensadora e artista Grada Kilomba. Em sua performance *A máscara*, ela faz referência a uma imagem que sua avó tinha pregada na parede, a imagem da Escrava Anastácia, nessa imagem ela é apresentada encarcerada por uma máscara que a impede de falar, algo bastante comum como instrumento de tortura em processos de escravização. A avó de Kilomba dizia que era para que elas nunca se esquecessem daquela imagem. Essas máscaras, que outrora eram colocadas em sujeitos

escravizados para evitar que comessem e para evitar que falassem, nos conduz a muitos questionamentos: quem pode falar? Sobre o que se pode falar? O que é legítimo falar? Como coloca Kilomba:

A boca é um órgão muito especial, ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, ela se torna o órgão da opressão por excelência, pois é o órgão que enuncia certas verdades desagradáveis e precisa, portanto, ser severamente confinada, controlada e colonizada. (KILOMBA, 2016, p. 2).

O anseio de desenhar um caminho epistêmico desobediente como bem sugere Kilomba (2016), tem me levado a revisitar os trajetos formativos pelos quais passei (escolarizações formais e não formais), pensar no quanto as epistemologias hegemônicas que foram pontos centrais da nossa formação acadêmica produziram apagamentos, extermínios e hierarquizações tem sido um desafio. Vejo o caminho decolonial, juntamente com os feminismos e as reflexões *queer/cuir* como uma possibilidade de aliança epistêmica no meu processo de pesquisa. Pensar na produção de conhecimento de maneira desobediente e tentar visualizar um currículo descolonizado, exige questionarmos o que entendemos como ciência. Afinal, definir quem produz, como produz e o que se produz em termos de conhecimento tido como verdadeiro envolve relações de poder atravessadas por gênero, classe, sexualidade, raça (e outros marcadores). Catherine Walsh (2009) nos aponta como possibilidade uma pedagogia decolonial, isso me parece um caminho possível; para a autora, a interculturalidade seria o caminho para questionarmos a racialização dos sujeitos/as, a subalternização, a inferiorização e seus padrões de poder, o que nos levaria a formas diferentes de ser, viver e saber, nos faria olhar para práticas outras como saberes ancestrais e vê-los como possibilidade de ler o mundo e interpretá-lo, nos abriria janelas com outros horizontes.

Como destaca Patrícia Hill Collins:

A epistemologia constitui uma teoria abrangente do conhecimento. Ela investiga os padrões usados para avaliar o conhecimento ou o motivo pelo qual acreditamos que aquilo em que acreditamos é verdade. Longe de ser um estudo apolítico da verdade, a epistemologia indica como as relações de poder determinam em que se acredita e por quê (COLLINS, 2019, p. 402).

Collins (2019) nos fala sobre o quanto foi complexo o caminho das pensadoras feministas negras para que pudessem adentrar no “uni-Verso” da ciência. Muitas tiveram que criar processos alternativos, algumas escreveram poesias, outras compuseram e cantaram músicas, se aliaram às artes como forma de expressarem seu pensamento e não sucumbirem ao silenciamento imposto. Foi necessário e fundamental para a produção feminista negra e podemos arriscar dizer que ainda é para as produções dissidentes atuais, haver uma dimensão

que Collins denomina ética do cuidar, um misto de empatia, expressividade pessoal e emoção. É subversivo acionar o conceito de emoção quando falamos de ciência, mas é aí também que o feminismo negro se insere e penso que uma crítica queer interseccional também dialogue com essa perspectiva, conectar razão, emoção e ética para produzirmos conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas literárias das autoras convidadas para esse diálogo nos levam a uma reflexão sobre opressões epistêmicas, sobre paradigmas apagados, aparecem como suspiros no processos de enfiamento e de insistência em questionar conhecimentos universais. Pensar um currículo decolonial, feminista, Queer/Cuir, um currículo de CuirLombo, eis a ideia, o desejo, o desafio. Glória Anzaldúa já nos convidava a esse desafio na década de 1980, ela já nos chamava ao embate:

Esqueça o quarto só para si – escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso. Não se demore na máquina de escrever, exceto se você for saudável ou tiver um patrocinador – você pode mesmo nem possuir uma máquina de escrever. Enquanto lava o chão, ou as roupas, escute as palavras ecoando em seu corpo. Quando estiver deprimida, brava, machucada, quando for possuída por compaixão e amor. Quando não tiver outra saída senão escrever. (ANZALDÚA, 2000, p. 233).



REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**, n. 8, 2000.

ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política de empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

FANON, Frantz. **Em defesa da Revolução Africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Joana Princesa” conta a história de uma princesa que nasceu menino. 2016. Disponível em: <https://maternar.blogfolha.uol.com.br/2016/09/02/joana-princesa-conta-historia-de-princesa-que-nasceu-menino-leia-entrevista-com-autora/>. Acesso em 02/08/2019.

GROFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemocídios ao longo do século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n.1, jan/abr, 2016, p. 25-49.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. Descolonizando o conhecimento – uma Palestra-Performance. (J. Oliveira, Trad.). Recuperado de <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>

LESLÃO, Janaína. **Joana Princesa**. Rio de Janeiro: Metanóia Editora, 2016.

MISKOLCI, Richard. "Ideologia de Gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, v.32, n. 3, p. 725-747, 2017.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009, p. 12-43.

SUPLEMENTE PERNAMBUCO. A mulher negra no centro do cordel. <https://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1734-jarid-arraes-e-a-mulher-negra-no-centro-do-cordel.html>. Acesso em 10 de agosto de 2019.

